

# Fotografia e teratologia colonial<sup>1</sup>

## *Photography and colonial teratology*

SÍLVIO MARCUS DE SOUZA CORREA

Universidade Federal de Santa Catarina

Departamento de História

silvio.correa@ufsc.br

---

### Resumo

Em meados do século XX, o professor e antropólogo português António de Almeida (1900-1984) realizou algumas missões em Angola. Um dos temas tratados durante suas viagens foi a macronínia em mulheres identificadas como “bosquímanas” pela Missão Antropobiológica de Angola (MAA). A partir de uma série de fotografias da MAA, busca-se analisar a violência do ato fotográfico sobre pessoas em situação colonial, bem como a reprodução de uma teratologia em torno da alteridade africana. Conclui-se que a abordagem antropológica de António de Almeida era um desdobramento da teratologia colonial construída desde os primeiros relatos da literatura de viagem sobre os chamados “hotentotes” e “bosquímanos”. Muito embora a descolonização da visualidade seja o foco deste trabalho, a análise de uma série de “fotografias científicas” ensejou uma nova reflexão sobre a pornografia enquanto cultura visual na teratologia colonial. Fotografia | Angola | colonialismo | teratologia

---

### Palavras-chave

---

### Abstract

In the mid-20th century, Portuguese professor and anthropologist António de Almeida (1900-1984) carried out some missions in Angola. One of the topics discussed during his travels was macronymphy among women identified as “Bushwomen” by the Anthropobiological Mission of Angola (AMA). Based on a series of photographs by AMA,

it seeks to analyse the violence of the photographic act on people in a colonial situation, as well as the reproduction of teratology around African alterity. It is concluded that the anthropological approach of António de Almeida was an offshoot of the colonial teratology built since the first reports in the travel literature about the so-called “Hot-tentots” and “Bushmen”. Although the decolonisation of visibility is the focus of this proposal, analysing a series of “scientific photographs” gave rise to a new reflection on pornography as a visual culture in colonial teratology.

Photography | Angola | colonialism | teratology

---

## Keywords

### Introdução

Era uma tarde primaveril de 2019, quando fui recebido nas dependências do Arquivo Histórico Ultramarino em Lisboa pela Catarina Mateus, então bolsreira no Instituto de Investigação Científica e Tropical (IICT) e responsável pela conservação e restauro do espólio fotográfico do Instituto. Atendendo à minha solicitação prévia, ela havia deixado sobre a mesa alguns ficheiros de fotografias da Missão Antropobiológica de Angola. Uma série de fotografias de mulheres deitadas ao chão chamou minha atenção. As fichas com as fotografias se encontravam num ficheiro com o marcador “macroninfia”. Conforme alguns dicionários, trata-se de uma “patologia”, da hipertrofia dos pequenos lábios da vulva.

Aquelas fotografias me faziam lembrar de outras imagens de uma iconografia colonial. Séculos separavam aquelas fotografias científicas de gravuras setecentistas e oitocentistas que ilustraram certos relatos de viagem pela então Colônia do Cabo. Aquelas fotografias pouco mostravam a propalada hipertrofia, mas revelavam a ultraviolência do ato fotográfico sobre pessoas em situação colonial.

A imagem daquelas mulheres ao chão informava muito sobre a recolha dos dados pela MAA, da postura do fotógrafo e sobre a preparação daqueles clichês. Aquele conjunto de fotografias era um indício de que a antropologia de António de Almeida derivava, outrossim, de uma teratologia colonial reinventada desde os primeiros relatos da literatura de viagem sobre os chamados “hotentotes” e “bosquímanos”.

---

<sup>1</sup> Apoio Financeiro da FCT no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio, no âmbito do projeto Photo impulse, PTDC/COM-OUT/29608/2017. Este trabalho beneficiou do uso da infraestrutura PRISC (Portuguese Research Infrastructure of Scientific Collections).

Não obstante a curiosidade prosaica do chefe da Missão Antropobiológica de Angola em torno da suposta macroninfia, o conteúdo de suas publicações sobre o tema e outros correlatos (*descensus testis*, *esteatopigia*, etc.) tinha paralelo ao interesse científico do alemão Eugen Fischer, seja do seu período pré-nazista (Fischer 1913) ou pós-nazista (Fischer 1955).

Eugen Fischer (1913) havia estudado a suposta degeneração racial de um grupo mestiço na África austral. Além da macroninfia e da *esteatopigia* entre as mulheres, Fischer se interessou pelo “*descensus testis*” e pelo “*pênis semi-ereto*” entre os homens. O estudioso alemão se serviu da fotografia para as suas pesquisas de higiene racial. Em 1913, chegou a mobilizar o seu capital social para solicitar ao governador da África do sudoeste alemão (atual Namíbia) um pênis de “bosquímano” (Gordon 1998, 27). Tal interesse não era excêntrico ou particular do professor alemão. Nos séculos XVIII e XIX, outros europeus descreveram as supostas anomalias dos chamados *hotentotes* e *bosquímanos*, assim como faria também António de Almeida. A literatura de viagem e também a literatura científica fazem parte de uma tradição pornotrópica (McClintock 2010) e, outrossim, da teratologia colonial.

A fotografia surge, então, como um instrumento incontornável para a produção científica da MAA. Acontece que as fotografias científicas da MAA foram realizadas, em sua grande parte, em situação colonial. Muitas delas são documentos de uma violência colonial, sobretudo quando a dignidade e o pudor dos sujeitos fotografados não foram levados em conta. Desse modo, o corpus iconográfico constituído por fotografias da MAA (1951 a 1956) contém provas materiais de uma cultura visual que produz uma dupla desumanização, ou seja, a do outro fotografado em situação colonial e, por conseguinte, de quem fotografou. Ao mesmo tempo, a hipersexualização da alteridade africana pela visualidade colonial concorreu para o espetáculo dos corpos dos outros como será apresentado a seguir.

### 1. O “*avental hotentote*” na teratologia colonial

A controversa em torno do chamado “*avental hotentote*” data dos tempos da colonização holandesa na África austral. Essa suposta característica foi fundamental para marcar uma diferença entre os “*cafres*” e “*hotentotes*” nos relatos de viajantes. (Lenni 2003). Na literatura de viagem, encontram-se referências à macroninfia entre mulheres “*hotentotes*” desde meados do século XVII (Blanchard 1883, 37; Lagercrantz 1937, 145). Apesar de algumas raras testemunhas oculares, as informações recolhidas por viajantes eram, na sua maioria, de “*ouvir-dizer*” (*hearsay*). Dos relatos de Andersen e Iversen, de Johan Nieuhof e de Peter Kolbe, o “*avental hotentote*” aparece mais como uma particularidade anatômica, uma excrescência, do que um dado etnográfico.

Representações visuais do século XVIII reproduziram alguns marcadores supostamente “*hotentotes*” (Smith 1993). Entre outras, destaca-se a gravura de uma mulher “*hotentote*” (prancha VII) do relato de viagem de François Le Vaillant. O viajante

francês não foi o primeiro e nem o último estrangeiro a procurar averiguar o que chamou de uma “conformação particular” que chegou mesmo a pensar ser uma fábula. Afirmou haver recolhido informações orais sobre esse ponto “muito interessante de história natural” que já tinha sido, igualmente, abordado em vários livros. Ao ser informado de que uma “hotentote” com a “conformação particular” tinha sido encontrada, o viajante francês não hesitou em procurá-la. Segundo Le Vaillant, ela era “uma mulher casada, mãe de muitas crianças e já na força da idade”. Com muitos presentes, ele procurou obter o seu intento. Porém, não se tratava de uma “hotentote” acostumada a satisfazer os estrangeiros e “suas vergonhosas fantasias”. Depois de muita insistência, inclusive com a intermediação de “homens de sua horda”, o curioso estrangeiro logrou o seu objetivo. “Então, confusa, embaraçada, tremendo, e se cobrindo a face de suas duas mãos”, ela deixou o viajante contemplar o seu sexo. Ela fez o “sacrifício de seu pudor pelo progresso de meus estudos”, reconheceu o viajante (Le Vaillant 1790, 344-348).

François Le Vaillant afirma em seu livro não ser o “famoso avental” uma característica natural entre as mulheres “hotentotes”, mas sim “uma moda, uma questão de gosto”, uma “decoração singular”. Segundo o autor, trata-se de um artifício que algumas delas, “apegadas pela tradição a costumes antigos”, praticam de prolongamento dos grandes lábios do sexo feminino (Le Vaillant 1790: 347-349).

Além do livro do naturalista francês foram publicadas duas obras de dois discípulos de Carl Lineu, Anders Sparrman e Carl Peter Thunberg, ainda no final do século XVIII. Ambos estiveram na Colônia do Cabo e trataram dos “hotentotes” em seus relatos de viagem. O primeiro considerou meras fabulações o relato de um padre jesuíta sobre o suposto “aventil hotentote” (Sparrman 1787, 245). O segundo referiu-se a um tapa-sexo em couro, às vezes duplo, que podia ir até a metade das coxas (Thunberg 1796, 229). Já o naturalista francês conde Buffon escreveu sobre os “hotentotes” sem deixar o seu domínio familiar em Montbard. O autor da *História Natural do Homem* fez ainda referência a uma excrescência entre as mulheres “hotentotes” (Buffon 1792, 140).

Cabe lembrar que, desde a colonização do Cabo, havia o boato de que “as mulheres hotentotes apresentavam uma característica fisiológica à qual foi dado o nome de “aventil”, “aventil natural”, ou ainda “aventil dos hotentotes” (Pradier 2013,110). Não tardou para que a macronínia e a esteatopigia fossem “racializadas” como marcadores das mulheres “hotentotes” por alguns naturalistas e das “bosquímanas” por outros. Os relatos de viajantes europeus estavam repletos de especulações em torno de uma “sexualidade monstruosa” em terras distantes. Na tradição pornotrópica dessa literatura, “as mulheres figuravam como a epítome da aberração e do excesso sexuais.” (McClintock 2010, 44-45).

Na literatura colonial, os chamados “hotentotes” e “bosquímanos” foram descritos como os mais primitivos entre os grupos humanos. Alguns os consideravam o elo-perdido da evolução humana, outros os classificavam como grupos intermediários entre os humanos e os primatas antropóides. Um interessante estudo de campo

sobre a macroninfia em mulheres da África austral ocorreu em 1804. Porém, o material recolhido pelos zoólogos franceses François Péron e Charles-Alexandre Lesueur foi organizado e publicado postumamente somente em 1883 pelo diretor do museu do Havre, Gustave Lennier. Para os dois naturalistas, “o avental hotentote é um dos fenômenos dos mais curiosos da fisiologia da espécie humana” (Peron e Lesueur 1883, 15). Pelo intermédio do médico da Colônia do Cabo, François Péron e Charles-Alexandre Lesueur tiveram à disposição dezenas de mulheres “hotentotes” para examinar e satisfazer à curiosidade.

Várias mulheres da mesma espécie que as do dia anterior foram trazidas até nós; depois de despi-las, escolhemos aquela que nos pareceu mais adequada deste género; meu amigo Lesueur começou a fazer desenhos em tamanho natural de todas as partes sexuais, e eu mesmo os descrevi ao mesmo tempo com a mais perfeita exatidão (Péron e Lesueur 1883, 17).<sup>2</sup>

Mas a curiosidade não era apanágio dos naturalistas franceses, pois como eles mesmos comentaram, “quase todos nossos oficiais lograram em diferentes lugares ter vistas desta espécie de monstruosidade” (Péron e Lesueur 1883, 19). Para os dois naturalistas franceses, a tal excrescência é frequente nas mulheres bosquímanas e não nas hotentotes. Destacaram ainda a esteatopigia nas mulheres bosquímanas cujas “nádegas monstruosas são cheias de gordura” (Péron e Lesueur 1883, 30).

Ainda no início do século XIX, a exibição de uma mulher “hotentote” em Londres e Paris fez aumentar a curiosidade popular e a científica em torno da macroninfia e da esteatopigia, o que acusa uma conivência entre os empresários do *Show-business* e os naturalistas da academia (Fauvelle-Aymar 2002; Blanckaert 2013; Matos *et al.* 2022). Para Anne McClintock (2010, 74), o suposto excesso dos genitais dessa mulher foi superexposto e ainda como uma anomalia diante do olhar disciplinar da ciência médica masculina e do público *voyeur*.

Da corpulência de Saartjie Baartman, o que mais intrigava os cientistas era o chamado “avental hotentote”, pois a macroninfia continuou sendo um tema controverso por todo o século XIX (Blainville 1816; Cuvier 1817; Péron e Lesueur 1883; Topinard 1889). A autópsia do corpo da “Vênus Hotentote”, realizada pelo naturalista francês Georges Cuvier (1817), não deu por fim as controversas (Fausto-Sterling 1995), pois ele discordou do parecer de Péron e Lesueur sobre o famoso avental hotentote e cujos trabalhos e desenhos Cuvier teve em suas mãos, muito embora não tivessem sido publicados (Blanchard 1883, 57). Sua comparação entre humanos e grandes símios e suas

<sup>2</sup> No original: Plusieurs femmes de la même espèce que celles de la veille nous furent amenées ; après les avoir fait déshabiller, nous choisîmes celle qui nous parut la mieux conformée en ce genre ; mon ami Lesueur se mit à dessiner de grandeur nature toutes les parties sexuelles, et moi-même je les décrivis en même temps avec la plus parfaite exactitude.

considerações sobre a afinidade atávica na aparência anômala do órgão reprodutor da “Vênus Hotentote” deixavam margem para especulações entre os naturalistas poligenistas e monogenistas. Ainda em 1883, Raphaël Blanchard buscou determinar o lugar dos “bosquímanos” na natureza para tratar do “difícil problema” sobre seus vínculos com os outros homens e com os macacos antropóides.

As considerações sobre a morfologia e a anatomia dos órgãos genitais de Saartjie Baartman serviram para balizar estudos posteriores como de William Flower e James Murie em 1867. Da dissecação de uma jovem “bushwoman”, W. Flower e J. Murie (1867, 208) relataram o seguinte:

O notável desenvolvimento dos lábios menores, ou ninfa, que é uma característica tão geral da raça hotentote e bosquímana, foi suficientemente bem marcado para distinguir essas partes de qualquer uma das variedades comuns da espécie humana, embora não tenham atingido aquela extensão extraordinária que lhes é atribuída pela maioria dos autores.<sup>3</sup>

Outras “hotentotes” ou “bosquímanas” foram alvo da curiosidade popular e da científica nas décadas seguintes. Imagens de Lisbeth e Esther no Jardim de Aclimação de Paris foram reproduzidas em artigos da *Revista de Antropologia* (Topinard 1889, 197; Deniker 1889, 15).

Nos primeiros anos do século XX, a fantasmagoria em torno da “Vênus Hotentote” concorria ainda com as fantasias em torno da “vagina dentada” e da “mulher fatal”. Essas imagens sexistas e racistas serviram de recurso satírico para caricaturas sobre as mulheres “hotentotes” na imprensa ilustrada alemã. Com a guerra na então colônia alemã do sudoeste africano (atual Namíbia), o revés das fantasias sexuais foi tratado ironicamente pelo caricaturista Olaf Gulbransson quando a imagem de uma “Vênus Hotentote” num cartão postal ilustra a notícia da morte de um soldado alemão.<sup>4</sup> A mulher “hotentote” ganhou ainda a forma icônica de uma esfinge africana que desafia o soldado alemão com o enigma “decifra-me ou devoro-te”.<sup>5</sup> Nas duas caricaturas, é acionado o medo da castração, a ansiedade masculina e o desejo de dominação da intratável realidade. Essas imagens satíricas emanam de uma “tradição pornotrópica” que representava as mulheres africanas “como dadas a uma lascívia tão promíscua que beirava o bestial” (McClintock 2010, 45).

<sup>3</sup> No original: The remarkable development of the labia minora, or nympe, which is so general a characteristic of the Hottentot and Bushman race, was sufficiently well marked to distinguish these parts at once from those of any of the ordinary varieties of the human species, although they had not attained that extraordinary extent attributed to them by most authors.

<sup>4</sup> Cf. imagem satírica de Olaf Gulbransson in *Simplicissimus*, München, 15.11.1904, n. 34: 340. <http://www.simplicissimus.info/> (consultado em 25 de setembro de 2022)

<sup>5</sup> Cf. “Die Kolonialsphinx” in *Kladderadatsch*, Berlin, 24.04.1904, n.17:1 <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/kl1904/0193/image,info,thumbs> (consultado em 25 de setembro de 2022).

Na iconografia colonial, além de gravuras e desenhos, a fotografia vem ocupar um lugar de destaque e acaba ganhando a preferência de profissionais e amadores do mundo artístico e científico. Na era da reprodução técnica da imagem, a fotografia foi considerada uma prova material da realidade externa que ela captura. Segundo António Fernando Cascais (2016, 90), “tida como representação fiel e verdadeira da realidade, a imagem fotográfica adquire por isso mesmo um estatuto probatório no seio da racionalidade instrumental da ciência.” Cabe lembrar que desde o aparecimento da fotografia, emerge um contra-poder diante dos supostos poderes da imagem fotográfica (Rocha e Matos, 2018).

Como instrumento científico, a máquina fotográfica se torna imprescindível para o trabalho de campo dos antropólogos, dos geólogos e de tantos outros. Mas o ato fotográfico foi, geralmente, violento sobre pessoas em situação colonial. Muitas fotografias foram realizadas para satisfazer interesses e desejos obscuros. As fotografias da genitália feminina podiam satisfazer um desejo reprimido e inconsciente que os próprios antropólogos não se davam conta ao procurar racializar e hiper-sexualizar os corpos africanos. Cabe lembrar que muitas mulheres africanas foram despidas para posar diante da câmara fotográfica. Elas foram ainda exibidas em exposições coloniais, assim como homens e crianças e cujas imagens foram capturadas pelas lentes de fotógrafos profissionais e amadores. Muito embora essas exposições ocorressem mais nas cidades da Europa, algumas delas foram realizadas na África austral, inclusive com exposições de “bosquímanos” como na Exposição Agrícola de Windhoek, na Exposição Imperial de Johannesburg e na Cidade do Cabo (Rassool e Hayes 2002, 333). Estudos antropométricos foram realizados com os “bosquímanos” em Johannesburg em 1936. Foram feitas ainda fotografias e mesmo modelos de partes do corpo de /Khanako, inclusive de seus órgãos genitais.

Na África do Sul das primeiras décadas do século XX, a ênfase nos órgãos sexuais dos “bosquímanos” foi constante na antropologia física com desdobramentos na medicina (Drury e Drennan, 1926). A relação entre ciência e espetáculo foi, em grande parte, responsável pela visibilidade dos “bosquímanos” na África do Sul dos anos 30. O racismo científico tinha seus desdobramentos na política. A degeneração dos “bosquímanos” e mesmo a suposta extinção deles foram temas da imprensa sul-africana, mas também da agenda de antropólogos. Raymond Dart, entre outros, esteve empenhado num projeto de construção de reservas na África austral, onde os “bosquímanos” poderiam ser “preservados” (Rassool e Hayes 2002, 330).

Em laboratórios e museus, corpos, esqueletos e modelos de “bosquímanos”, além de dados antropométricos, fotografias e objetos da cultura material, faziam parte de um processo de musealização que era entendido como uma das formas de preservação. Taxidermistas, anatomistas e fotógrafos, entre outros especialistas, tiveram papel importante nesse processo de musealização dos “hotentotes” e “bosquímanos” (Davidson, 1993). Em suma, a teratologia colonial criava os seus próprios monstros e o “avental

hotentote” foi uma dessas invenções que persistiram no imaginário colonial muito embora o relato de François Le Vaillant (1790) já indicasse uma outra abordagem, inclusive autocrítica à curiosidade científica em detrimento do pudor dos outros.

## 2. Fotografias de uma missão científica

O mito da objetividade fotográfica teve na fotografia científica o seu último refúgio. Já vai longe o tempo de euforia e entusiasmo com o processo fotográfico como uma cópia fidedigna da realidade.<sup>6</sup> Mesmo sem fotógrafo profissional, as missões antropológicas ao encargo de António de Almeida recorreram à fotografia como um procedimento de recolha de dados para as investigações da equipa das Missões Antropobiológicas a Angola (MAA).

A Missão Antropobiológica de Angola foi constituída por várias campanhas, realizadas em diferentes regiões da colónia. A primeira e a segunda campanhas tiveram lugar em 1951 e 1952, e a terceira e a quarta, em 1955 e 1956. Apesar da designação desta missão, as suas actividades de investigação não se limitaram à área da antropobiologia. Assim, em notícia sobre a campanha de 1955, para além da referência a colheitas de impressões digitais e a tarefas de determinação de grupos sanguíneos entre diferentes populações daquele território, regista-se o levantamento de um conjunto de materiais de cariz etnográfico e etnológico, como sejam a gravação de músicas e de elementos dialetais e gramaticais de línguas locais, a anotação de aspectos da vida familiar e social e o registo do tipo de alimentação encontrados entre as comunidade observadas. Nesta campanha decorreram, também, pesquisas em várias estações pré-históricas e exames de pinturas e gravuras rupestres.<sup>7</sup>

As Missões Antropobiológicas a Angola fizeram parte de um conjunto de missões oficialmente instituídas para as colónias durante o Estado Novo em Portugal. Desde a criação da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais (JMGIC), organismo ligado ao Ministério das Colónias, buscou-se organizar os estudos no âmbito da então denominada “ciência colonial”. Sob os auspícios da JMGIC, as missões antropológicas para as colónias foram dirigidas por Santos Júnior (Moçambique), Amílcar Mateus (Guiné) e António de Almeida (Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor). Os três investigadores referidos estavam ligados ao principal mentor de todas elas, o professor catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, António Augusto Mendes Correia (Matos 2023).

<sup>6</sup> Sobre a objetividade atribuída à fotografia, ver, por exemplo, o prefácio de Luciano Cordeiro ao álbum fotográfico e descritivo, intitulado *África Ocidental*, de José Augusto da Cunha Moraes. Lisboa: David Corazzi Editor, 1885.

<sup>7</sup> Cf. Missão Antropobiológica de Angola (Campanha de 1955) Separata da revista *Estudos Ultramarinos*, Lisboa: ISEU, 1956.

Não se deve olvidar que, nas colônias portuguesas, da Guiné ao Timor, a exibição de milhares de indivíduos diante da máquina fotográfica fez parte da recolha de informações para elaboração de índices de robustez e vitalidade e, por conseguinte, para identificar e situar os grupos entre inferiores e superiores (Pereira 2005). Era a antropologia a serviço do desenvolvimento económico das colônias. Afinal, desde o I Congresso Colonial do Porto (1934), a antropologia física se mostrava promissora “quando aplicada nos territórios ultramarinos, ao permitir uma colonização mais racional que indicaria caminhos para a revalorização do trabalho indígena” (Travassos 2021, 84).

Segundo Santos Júnior (1948,15): “A utilização racional e equitativa do fator humano da colônia de Moçambique exige o prévio conhecimento científico das características somato-físico-psicológicas dos seus elementos étnicos.”<sup>8</sup> Nota-se a antropologia como uma ciência auxiliar do colonialismo.

O chefe da MAM não questionou o utilitarismo do conhecimento científico e dos seus índices artificiais de robustez e vitalidade dos povos para transformá-los em mera força-de-trabalho. A antropologia foi uma disciplina auxiliar da engenharia social para incrementar um projeto colonial nos trópicos. Na verdade, o discípulo de Mendes Correia não estava longe do pensamento de um dos primeiros antropólogos portugueses, Adolfo Coelho, que era assaz otimista em relação à seleção artificial aplicada para a colonização:

Um processo análogo poderia elevar o negro d’África a um nível superior, fazer dele não um equivalente do europeu, mas um homem utilíssimo para a expansão e desenvolvimento da nossa civilização (Coelho 1893, 39).

Ao contrário do que Adolfo Coelho vaticinara, a antropologia colonial promoveu a reificação do outro. O espólio fotográfico das missões antropológicas entre 1936 e 1959 contém várias provas disso. Como, então, encontrar nessas fotografias a subjetividade e a dignidade perdidas? Como ver uma série de fotografias de mulheres ao chão em detrimento do seu pudor e em favor da curiosidade alheia? Como “descolonizar” o registo fotográfico de pessoas em situação colonial?<sup>9</sup>

A reversão de perspectiva permite observar uma fotografia não somente com o foco em quem foi fotografado, mas também em quem a fez. Ao invés de abordar o “indígena” fotografado, aproximar o foco da análise sobre quem fotografa, ou seja, observar quem observa e não apenas quem foi observado, faz com que o estigma de que a fotografia pretende ser um registo visual seja mais um produto da estigmatização, não raro pelo viés da racialização ou etnização do sujeito fotografado. Afinal, na teratologia colonial, quem eram os monstros? Assim como o filme *Freaks* (1932), de Tod Browning,

<sup>8</sup> Santos Júnior. J.R. Relatório 5ª Campanha (datilografado), Universidade de Lisboa/IICT-MAM, 1948: 15 (Arquivo Histórico Ultramarino).

<sup>9</sup> Lorena Christina Barros Travassos (2021) sugeriu alguns caminhos para a descolonização da fotografia colonial.

as fotografias de corpos supostamente anômalos nos interpelam e somos levados a perguntar de que lado está a monstruosidade? O espetáculo do mórbido não seria mais um desdobramento da obstinada busca pela normalidade?

Os “bosquímanos” de Angola foram também objetos de estudo e de fantasias. Em meados do século XX, António de Almeida, diretor da Missão Antropobiológica em Angola (MAA), pôde estudar algumas “anomalias” em grupos nômades do sudeste de Angola. Entre as milhares de fotografias do espólio da MAA, encontra-se uma série cujos marcadores são macroninfia e esteatopigia. Dezoito dessas fotografias foram publicadas num artigo de António de Almeida. Conforme o seu testemunho (Almeida [1956] 1994, 82):

Durante as três recentes campanhas da Missão Antropobiológica de Angola, em 1950, 1952 e 1955, sob a nossa direção, nós tivemos a oportunidade de recolher abundantes informações de ordem geral sobre a macroninfia dos indígenas deste território português. Elas ajudarão, segundo nós, a lançar um pouco de luz sobre esta anomalia anatômica tão curiosa quanto discutível.<sup>10</sup>

Nota-se que António de Almeida reproduz a ideia de “anomalia anatômica” e, por conseguinte, trata o assunto da macroninfia nos quadros da teratologia colonial. As fotografias que foram publicadas em seu artigo (Almeida [1956] 1994) e outras do espólio fotográfico da MAA serão tratadas a seguir não como evidências para um estudo sobre suposta “anomalia anatômica”, mas como evidências da violência do ato fotográfico sobre pessoas em situação colonial.

### 3. A violência do ato fotográfico e as negociações preliminares

A violência do ato fotográfico sobre pessoas em situação colonial se inscreve numa tradição pornotrópica de uma cultura visual europeia que já era expressa na observação *in situ* pelos viajantes naturalistas. Para ficar num exemplo, o exame óptico das partes íntimas de mulheres “hotentotes” e “bosquímanas” era um ato violento como assinou François Péron (1883, 31): “as mulheres que nós examinamos, meu amigo Lesueur e eu, relutavam muito a se despir na nossa frente.”

Não parece ter sido fácil para a equipa da MAA obter clichês da hipertrofia dos lábios inferiores da vulva de certas mulheres. Sabe-se que houve muita resistência da parte de mulheres e homens. Algumas mulheres perceberam a exposição de suas partes íntimas como uma agressão. Por outro lado, alguns homens não gostaram de saber da demanda para que suas mulheres, irmãs ou filhas deixassem fotografar as suas partes íntimas.

<sup>10</sup> No original: « Pendant les trois récentes campagnes de la Mission Anthropobiologique de l'Angola, en 1950, 1952 et 1955, sous notre direction, nous avons eu l'opportunité de recueillir d'abondantes informations d'ordre général sur la macronymphie des indigènes de ce territoire portugais. Elles aideront, d'après nous, à jeter un peu de lumière sur cette anomalie anatomique aussi curieuse que discutée. »

As fotografias de mulheres ao chão, de pernas abertas a exhibir os lábios vaginais diante da câmara, podem dar uma ideia da violência durante as sessões fotográficas da MAA.<sup>11</sup> Em algumas delas, nota-se um integrante da equipa a manipular os lábios vaginais de mulheres deitadas ao chão.<sup>12</sup> O chefe da MAA informou o seguinte sobre a resistência ao exame (Almeida 1956, 83):

É mesmo muito difícil, senão impossível, obter da parte das mulheres a confissão de ter a macroninfia, com frequência, elas negam sistematicamente o fato e mais difícil é elas permitirem a observação direta. Essas mulheres indígenas são constrangidas e envergonhadas, tanto por lhe perguntarmos sobre isso quanto pelo olhar malicioso dos homens. Não raro, estas procuram mesmo esconder a presença da anomalia entre as mulheres do seu grupo étnico.<sup>13</sup>

António de Almeida (1994 [1956], 83) pôde jamais esquecer “o movimento de recusa e a ameaça de fuga das mulheres de um grupo Cazama da margem direita do rio Cuando, inteiramente apoiadas pelos homens da tribo.”<sup>14</sup> Outras mulheres mostraram-se menos reticentes, segundo o chefe da MAA. “Geralmente, as velhas se prestam, sem grande repugnância, a esta inspeção, assim como as jovens ou adultas quiocas e cambuelas. Algumas vão até mesmo deixar-se fotografar” (Almeida 1994 [1956], 82) No diário de António Marques de Almeida Júnior, tem-se a seguinte nota relativa às atividades do dia 7 de agosto de 1952: “Também foram fotografadas as partes genitais de algumas mulheres quiocas que tinham as ninfas distendidas”.<sup>15</sup> Para fazer o exame dos pequenos lábios vaginais, a equipa da MAA ofereceu alguns “presentes atraentes” como tabaco, sal, contas e vestimentas. Nota-se que a prática de ofertar tabaco para poder ver uma “excrescência notável” entre as mulheres hotentotes já era referida no relato de Peter Kolbe (1741, 92) que afirmou poder ser satisfeita a curiosidade “em troca de um pouco de tabaco ou de alguma bagatela semelhante”.

Porém, as condições de campo dificultavam qualquer observação ou exame das partes externas da genitália feminina. Além da dificuldade em obter o acordo das mulheres à exposição das suas partes íntimas, não havia como fazê-las falar sobre a tal macroninfia. Ao menos, o chefe da MAA reconheceu os limites de sua metodologia de

<sup>11</sup> ICT-Photography Collection, Inv. ULISBOA-ICT-MAA, rolo 25/foto 8; rolo 26/foto 6 (1952).

<sup>12</sup> ICT-Photography Collection, Inv. ULISBOA-ICT-MAA, rolo 24, fotos 1 e 12; rolo 25, foto 1 (1952).

<sup>13</sup> No original: « Il est même souvent difficile, sinon impossible, d'obtenir de la part des femmes l'aveu d'avoir la macronympie, et plus souvent elles nient systématiquement ce fait, et il devient encore plus difficile qu'elles en permettent l'observation directe. Ces femmes indigènes sont gênées et toutes honteuses, aussi bien quand on leur pose la question que sous le regard malicieux des hommes. Très souvent, ceux-ci cherchent même à cacher la présence de l'anomalie parmi les femmes de leur groupe ethnique. »

<sup>14</sup> No original: « Nous ne pourrions jamais oublier le mouvement de refus et la menae de fuite des femmes d'un groupe Cazama de la rive droite du fleuve Cuando, entièrement appuyées par les hommes de la tribu. »

<sup>15</sup> Diário de viagem de António Marques de Almeida Júnior (1952) Missão Antropobiológica de Angola, Universidade de Lisboa/ICT-MAA.

entrevista, pois as mulheres se recusavam de responder às questões que lhes foram postas pelo intermédio de intérpretes soldados, os quais não eram muito apreciados pelos “indígenas” (Almeida 1994 [1956], 84).

Vinte anos depois da publicação do seu primeiro artigo sobre a macroninfia, António de Almeida (1994 [1977], 342) revisitou o assunto e lembrou que:

[...] se não fora a presença da antropóloga Dr. Maria Emília de Castro e Almeida<sup>16</sup>, seria absolutamente impossível verificar a existência da macroninfia entre centenas de bosquímanas — em geral muito mais pudicas do que algumas mulheres bantas (quiocas, canhembas, cambuélas, luenas, por exemplo), que anuíram a ser examinadas e fotografados os seus órgãos genitais externos.

Para António Almeida (1994 [1956], 85), a macroninfia não era hereditária e sim uma característica étnica, uma prática que deveria ser mais de interesse sociológico que biológico. Além da macroninfia, o chefe da MAA estudou a esteatopigia entre as mulheres dos grupos então chamados dos bosquímanos de Angola.<sup>17</sup> Provavelmente, ele não viu partes do corpo da “Vênus Hotentote” expostas no *Musée de l’Homme* em Paris, pois referiu-se ao corpo dela a partir de um artigo de Topinard, de 1885. Fez ainda alusão a outros dois corpos de “hotentotes” que pertenciam ao Instituto de Anatomia de Viena com base num artigo de Pösch de 1952.

Além da macroninfia e da esteatopigia, António de Almeida se interessou por outra particularidade anatômica dos então chamados bosquímanos. Dessa vez, o particular recaía sobre a genitália masculina. Assim como o órgão sexual feminino, o masculino das “nações selvagens” da África austral deram azo a outras fantasias da teratologia colonial.

Relatos de viagem mencionaram a ablação de um testículo entre os então chamados hotentotes. Carl Peter Thunberg (1796, 239) reproduziu em seu relato o que Peter Kolbe (1741, 278) denominou “costume entre os hotentotes de fazer seus meninos semi-eunucos”, ou seja, uma prática de tempos imemoriais da castração do testículo esquerdo em meninos de 8 ou 9 anos de idade a fim de impedir futuramente o nascimento de gêmeos.

No século XVIII, Carl Lineu referiu-se a um monstro de um só testículo. Chegou a classificar os chamados bosquímanos e hotentotes não como *Homo Sapiens*, mas como *Homo Monstrosus Monorchidi*, ou seja, monstros humanos com um testículo (Gordon 1998, 35). O naturalista sueco usou o aparelho reprodutor como base de seu sistema de classificação.

Além da suposta ablação de um testículo, a morfologia do pênis dos “bosquímanos” foi alvo de especulações. Alguns relatos mencionaram uma posição semi-ereta,

<sup>16</sup> Maria Emília de Castro e Almeida (1929-2012) foi investigadora adjunta da MAA e autora de um artigo sobre mutilações étnicas (1959).

<sup>17</sup> Atualmente, o etnônimo para os então chamados bosquímanos é *san* que juntamente com o grupo *khoikhoi* da África austral forma o grupo *khoisan*.

outros registraram o uso de um estojo peniano, o que poderia ter confundido os observadores estrangeiros. A invenção do “bosquímano” tem também a sua história. Desde o século XIX, o conhecimento sobre o “bosquímano” foi sendo reconstruído num contexto histórico, no qual europeus de diferentes nações tiveram um papel decisivo na política de marginalização dos “bosquímanos” na sociedade colonial.

A imagem dos “bosquímanos” variou de uma raça primordial a uma raça degenerada e não faltou quem anteviu a sua extinção. Houve também quem defendesse a criação de reservas para preservá-los. Apesar das diferentes visões, o órgão genital dos “bosquímanos” seguiu sendo um tópico das novas elaborações sobre as supostas particularidades (Gordon, 1992).

A morfologia dos órgãos sexuais dos “hotentotes” e “bosquímanos” foi alvo do interesse científico de Eugen Fischer como demonstrou o antropólogo Robert Gordon (1998). O seu estudo sobre o aparelho genital dos primatas teve consequência na sua classificação das raças, inclusive daquelas por ele classificadas como “degeneradas” (Fischer, 1913). O professor da Universidade de Freiburg foi o autor de um estudo sobre os chamados “bastardos de Rehoboth” na então colônia alemã do sudoeste africano (atual Namíbia). Ele percebia a miscigenação como degeneração racial. Mas o seu interesse pela genitália de certos grupos humanos da África austral parece ter um vínculo direto com a sua tese de doutorado sobre o aparelho genital primitivo a partir de um estudo sobre o aparelho reprodutor de um orangotango fêmea (Gordon 1998, 41). Desde o século XIX, os estudos de anatomia comparada indicavam uma série de semelhanças entre certos grupos humanos e os grandes símios.

António de Almeida, por seu turno, viu na miscigenação em Angola um problema para uma política colonial baseada no paradigma de uma taxonomia racial em construção pela antropologia portuguesa. Nesse ponto e em muitos outros, o chefe da MAA seguiu alinhado ao seu mestre Mendes Correia. O autor de *Raças do Império* (1943) não via com bons olhos a miscigenação (Matos 2014, 60).

Na Alemanha do III Reich, Eugen Fischer foi um dos responsáveis pelo programa de esterilização dos “bastardos da Renânia” no Instituto Kaiser-Wilhelm de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenismo. Desde a sua pesquisa no sudoeste africano, Eugen Fischer estava convencido que o cruzamento de europeus com africanos levava irremediavelmente à deterioração dos primeiros (Zaborowski 1910, 188). Em plena II Guerra Mundial, ele foi o autor de um ensaio sobre o problema da raça na Alemanha (Fischer, 1942). Em 1955, Eugen Fischer publicaria ainda um último artigo sobre a morfologia dos órgãos genitais dos grupos Khoisan, no qual comparou a morfologia da genitália feminina e masculina dos “bosquímanos” com a dos grandes símios.

Como Fischer, António de Almeida publicou o seu estudo sobre uma particularidade anatômica dos “bosquímanos” mais de vinte anos depois da recolha dos dados,

inclusive dos registos fotográficos.<sup>18</sup> Ao contrário dos artigos ilustrados sobre a macronínia e a esteatopígia, o artigo sobre o órgão sexual masculino foi publicado sem nenhuma fotografia. No entanto, o espólio fotográfico da MAA contém dezenas de fotografias do sexo de meninos, jovens e adultos “bosquímanos”. Na maioria das fotografias, a posição é de perfil com as mãos à nuca.<sup>19</sup> Como logrou-se o consentimento daqueles meninos, jovens e adultos? António de Almeida (1994 [1958], 342) deu alguma pista:

Em regra, o exagerado pudor natural dos povos menos evoluídos perante os civilizados não me consentiu observar essa particularidade anatómica nas restantes centenas de bosquímanos com quem contatei, tanto mais que foram examinados frequentemente em pleno mato, sem instalações apropriadas que permitissem atenuar a vergonha dos adolescentes e adultos e a timidez das crianças.

O chefe da MAA percebeu que deveria negociar com os “bosquímanos” para obter algum resultado. “E se me esforçasse por obrigá-los, provocaria a fuga deles para a floresta, em virtude de tomarem a minha atitude como sinal de intenções menos sérias, não compreendendo os meus propósitos.” Para António de Almeida era difícil para os “bosquímanos” entenderem o interesse científico em observar a sua genitália e ainda fotografá-la. Havia o receio de que “a verdade, distorcida por vezes”, fosse facilmente difundida entre os demais. Uma experiência anterior fora o suficiente para evitar procedimentos que pudessem comprometer com “o êxito da laboriosa tarefa de investigação antropológica” (Almeida, 1994 [1958] 342).

[...] evidenciou-se uma vez, entre os Cazamas — as mulheres de certa concentração, feita em pleno mato, fugiram com as respetivas fichas antropológicas, após os Bantos, entre quem viviam, haverem propagado a notícia de que os “Branços” desejavam ver os seus órgãos sexuais com fins desonestos!

Até mesmo a posição do coito foi objeto de curiosidade do chefe da MAA.<sup>20</sup> Uma fotografia tem a seguinte observação: “exemplificação do ato sexual feita por dois *Kassekele* (Bosquímanos)”.<sup>21</sup> Nenhuma informação adicional permite saber como foi a negociação para que os dois homens consentissem em encenar um ato sexual. Para

<sup>18</sup> Curiosamente, o artigo de Eugen Fischer (1955) não aparece na bibliografia do estudo de Almeida (1977), embora constasse na bibliografia do artigo sobre a “macronínia das mulheres indígenas de Angola”, publicado em 1956. No estudo de Almeida (1977), vários autores foram referidos com base no trabalho de Raymond A. Dart (1935). Todos os títulos em alemão na bibliografia de Almeida (1977) apresentam erros, o que indica cópia sem suficiente conhecimento da língua alemã e, por conseguinte, do conteúdo dos artigos.

<sup>19</sup> IICT-Photography Collection, Inv. ULISBOA-IICT-MAA, rolo 10/fotos 8, 9 e 10; rolo 11/fotos 11 e 12; rolo 12/foto 10; rolo 18/foto 9; rolo 18/fotos 10 e 11; rolo 19/foto 4 (1952).

<sup>20</sup> Já Bronislaw Malinowski (1929), entre outros antropólogos, se tinha interessado pelo tema. O autor agradece a arbitragem pela informação.

<sup>21</sup> IICT-Photography Collection, Inv. ULISBOA-IICT-MAA, rolo 54/foto 11 (1952).

António de Almeida, talvez, as particularidades anatómicas dos “bosquímanos” determinavam aquela posição singular durante o ato sexual. Conservada no espólio fotográfico da MAA, essa fotografia é mais um vestígio das fantasias dos homens de ciência do que da realidade etnográfica.

Em meados do século XX, a fotografia científica evidenciava ainda o estigma ou a anomalia anatómica para confirmar uma degeneração ou um atavismo. Porém, a fotografia do estigma monstruoso integra o próprio processo de estigmatização (Cascais 2016, 114). É verdade que António de Almeida não reconheceu a macroninfia como característica rácica e, por conseguinte, o “aventil hotentote” não seria uma excrescência anatómica, assim como o “bosquímano” não seria um monstro de um único testículo. Porém, o seu trabalho investigativo orbitava em torno dessa teratologia colonial<sup>22</sup>.

#### 4. Pornografia e teratologia colonial

As fotografias da genitália masculina e feminina dos “bosquímanos” realizadas pela MAA davam visualidade a um conhecimento confuso entre antropologia e sexologia que, não raro, desumanizava os corpos. Segundo Jean-Marie Pradier (2013, 104-105),

“A alteridade assim fabricada pelo olhar deu origem a coleções de imagens onde o Homem pré-histórico, os “selvagens” e os monstros híbridos estão próximos do animal. [...] O olhar do observador, ou do espectador, é tanto mais enganado por si mesmo quanto mais o corpo percebido vem de longe, ou é estrangeiro a nosso universo sensorial habitual. A atribuição ao outro de uma característica de estranheza abstrata, despersonalizada, é um traço que parece resistir ao tempo.”

As supostas “anomalias anatómicas” entre certos grupos humanos podiam indicar raças degeneradas segundo uma taxonomia racial que, em meados do século XX, ainda era defendida por certos adeptos da eugenia. Contudo, a eugenia em Portugal não teve grande adesão entre os acólitos de Mendes Correia. Mesmo António de Almeida que parecia admirar as teses de Eugen Fischer não defendeu medidas radicais como o higienista alemão fez em relação à esterilização dos bastardos. Como bem resumiu Ana Leonor Pereira (1999, 588):

Em Portugal, apenas Egas Moniz, futuro Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1949, ousou propor a esterilização para eliminar a hereditariedade mórbida, embora restringisse essa medida eugénica a um número limitado de casos clínicos. Como muitos outros médicos, Egas Moniz defendeu a proibição do casamento aos indivíduos atingidos por

<sup>22</sup> Embora António de Almeida não tenha se desprendido de seus preconceitos coloniais, ele foi testemunha de uma virada que ocorreu no terceiro quartel do século XX, quando a Antropologia Física foi substituída pela Etnologia Colonial em Portugal (Pereira, 2005: 234).

doenças graves contagiosas (tuberculose, sífilis, etc.), mas foi ainda original ao introduzir o argumento eugénico como fundamento do instituto do divórcio.

António de Almeida e sua equipa recolheram muitos dados (fotografias, medidas antropométricas, testes sorológicos etc.) durante as suas expedições científicas em Angola. No entanto, deve-se relativizar o alcance da antropologia física como ciência instrumental do império português. As suas teorias raciais e os seus dados empíricos para medir a robustez das raças renderam pouco auxílio para a questão laboral da economia colonial. A discrepância entre a copiosa documentação dessas missões científicas e os poucos resultados e impactos na política “indigenista” permitem inferir que a pretensão de alguns antropólogos extrapolou os limites do Estado colonial português. Por outro lado, as observações de António de Almeida sobre a macronínia e a esteatopígia dizem mais sobre si e o seu imaginário colonial do que sobre as alteridades africanas observadas por ele. Ao mesmo tempo, elas se inscrevem na “tradição pornotrópica” segundo os termos de McClinkton (2010) e cujas fotografias fazem parte do arquivo colonial.

Em seu livro *A Invenção do Hotentote*, François-Xavier Fauvelle-Aymar (2002) referiu-se às primeiras crônicas portuguesas sobre as populações nativas da África austral. Provavelmente, o historiador e arqueólogo francês desconhecia a persistência das fantasias em torno dos órgãos genitais dos “bosquímanos” de Angola até as últimas décadas do colonialismo português. Em termos culturais, ressalta-se a patologia do colonialismo que faz sofrer distintamente o colonizado pela violência simbólica do complexo de inferioridade e o colonizador pela pretensa síndrome de superioridade (Fanon 1952). É nessa relação doentia que o ato fotográfico é muitas vezes realizado sem que o fotógrafo perceba que ele próprio já se encontra embrutecido ao desumanizar o outro diante da máquina fotográfica.

Da autopsia da “Vênus Hotentote” às fotografias que foram publicadas nos artigos de Eugen Fischer (1955) e António de Almeida (1956), pode-se identificar um *continuum* acerca da curiosidade científica em torno de supostas anomalias, muito embora essa curiosidade e a violência que a sua satisfação enseja já fossem criticadas em meados do século XX (Kirby 1949, 1952, 1953, 1954).

As fotografias de um artigo de Fischer (1955) e outro de Almeida (1956) sobre a macronínia remetem a um olhar pornográfico na medida em que elas revelam a imagem da coisificação e da deserotização do corpo do outro. Cabe ressaltar a distinção feita por Roland Barthes (2015, 53) entre a fotografia erótica e a pornográfica: a primeira “não faz do sexo um objeto central; ela pode muito bem não mostrá-lo; ela leva o espectador para fora do seu enquadramento.” Já a segunda leva o espectador para o seu objeto central, geralmente, exibido de forma aproximada e apartada do corpo inteiro.

No caso do corpus iconográfico construído a partir das fotografias da MAA, o enquadramento da fotografia nas partes genitais e o foco na vagina ou no pênis são características dessa pornografia que tem interface com a teratologia colonial, uma vez que

essas fotografias serviram de registo para o estudo de supostas anomalias anatômicas.

Por outro lado, as fotografias da MAA sobre as mulheres do sul de Angola podem indicar ainda um outro sentido, ou seja, das mulheres como “marcadoras das fronteiras do império” que, segundo McClintock (2010, 48-49), pode traduzir uma ansiedade masculina diante das bordas ou das margens. Afinal, o limiar é uma linha tênue entre o conhecido e o desconhecido, um lugar de transição que pode ser perigoso ainda mais quando se imagina os confins do império como um valhacouto de monstros.<sup>23</sup>

### Considerações finais

Em várias fotografias encontradas nos arquivos coloniais, percebe-se que, diante da objetiva, somem os indivíduos, aparecem as raças. O corpo fotografado perde a sua subjetividade. Em geral, a fotografia produziu uma imagem reificada, sexualizada e racializada do outro (Morris-Reich, 2016). Como decorrência do aperfeiçoamento das técnicas de reprodução da imagem e com o fito de obter maior “objetividade”, a fotografia acabou por predominar nas publicações científicas, concorrendo assim com o desenho e a gravura dos relatos de viagem no imaginário colonial. O suposto registo objetivo da fotografia deu azo aos interesses científicos de “homens da ciência” como Eugen Fischer e António de Almeida; por outro lado, ele serviu paradoxalmente para ensejar a fantasia desses mesmos homens.

A fotografia científica sobre a macroninfia, a esteatopigia e outras supostas excrescências dos corpos africanos contribuiu para a reprodução da teratologia colonial. Muitas fotografias de “hotentotes” e “bosquímanos” se encontram nas coleções iconográficas de museus de história natural e de etnologia. Como as fotografias da MAA, essas imagens informam mais sobre quem fotografa do que sobre o sujeito fotografado.

As teorias raciais desenvolvidas entre 1850 e 1950 favoreceram fantasias em torno de figuras consideradas monstruosas. A fronteira artificial entre o humano e o animal e a rígida hierarquia racial do colonialismo demarcaram o campo de uma teratologia colonial que produziu seus monstros. Estes foram situados num entre-lugar. Para a antropologia que predominou durante os impérios coloniais, “hotentotes” e “bosquímanos” pertenciam a um outro tempo (Fabian 2013).

Apesar da hegemonia das teorias raciais nas ciências (médica, jurídica, antropológica) à época dos impérios coloniais, o meio científico produziu outras teorias que superaram os cânones de uma chamada “ciência colonial”. Os trabalhos de Melville Herskovits, Paul Rivet et Claude Lévi-Strauss para ficar em três exemplos, já indicavam novos rumos para a antropologia cultural.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> Ao mesmo tempo, as colônias representaram para uma masculinidade supostamente reprimida na metrópole um teatro para uma certa desforra sexual como se pode inferir da acurada análise de Filipa Lowndes Vicente (2017).

<sup>24</sup> Em seu livro *Race et Histoire* (1952), Lévi-Strauss sugeria a substituição do conceito de raça pelo de cultura para os estudos em antropologia.

Como afirmou Robert Gordon (1998, 31) a relação entre nacionalismo europeu, antropologia e sexologia é complexa. Em meados do século XX, a abordagem teórica e metodológica da Missão Antropobiológica de Angola se encontrava em defasagem com as mais recentes teorias das ciências humanas, notadamente no campo da antropologia, o que correspondia, grosso modo, com a posição periférica do Estado Novo português na Europa e do salazarismo em termos de orientação ideológica para o período do pós-guerra.

Se no último quartel do século XVIII, Edward Long (1774, 382-383) percebia a África como matriz “de tudo o que era monstruoso na natureza”, no século seguinte a ideia que a África era o continente “da aberração e da anomalia sexual” (McClintock 2010, 44) já tinha sido cristalizada no imaginário colonial. Os artigos de António de Almeida sobre os “bosquímanos” de Angola se inscrevem nessa tradição pornotrópica da qual faz parte a teratologia colonial.

### **Agradecimentos**

Este trabalho foi realizado no âmbito das atividades de investigação do projeto “Photo Impulse” (PTDC/COM-OUT/29608/2017) do ICNOVA e beneficiou do uso da infraestrutura PRISC (Portuguese Research Infrastructure of Scientific Collections). Contou também com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPq, proc. 303543/2020-5). O autor agradece ainda a arbitragem do sistema *double blind peer review* pelas suas sugestões e pelos seus comentários.

## Bibliografia

- António de Almeida. 1994. La macronymphie chez les femmes indigènes de l'Angola. Extrait des Comptes Rendus de l'Association des Anatomistes, XLIII Réunion: 131-150, Lisbonne, 1956. In *Os Bosquímanos de Angola*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Almeida, António de. 1958. Sobre a esteatopigia dos Bosquímanos e Hotentotes de Angola. [Comunicação apresentada à classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa, em sessão de 20 de março de 1958]. In *Os Bosquímanos de Angola*. 1994. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical: 118-130.
- Almeida, António de. 1994. “Algumas particularidades anatómicas dos Bosquímanos de Angola. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa.” In *Os Bosquímanos de Angola*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Barthes, Roland. 2015. *A câmara clara. Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Blanckaert, Claude ed. 2013. *La Vénus hotentote: entre Barnum et Museum*. Paris: Musée national d'histoire naturelle.
- Blanville, Henri Ducrotay de. 1816. “Sur une femme de la race hottentote.” *Bulletin des Sciences par la Société Philomatique*: 183-190.
- Buffon, Georges-Louis Leclerc de. 1792. *Histoire naturelle de l'homme*. Paris: Plassan.
- Cascais, António Fernando. 2016. “A inquietante estranheza da microcefalia. modelo da fotografia psiquiátrica em Portugal.” *Revista de Comunicação e Linguagens* (45): 97-120.
- Cascais, António Fernando. 2016. A Cultura Visual da Medicina e os prodígios da fotografia. In *Atas do Congresso Internacional de Comunicação e Luz*, 87-96. Braga: CECS — Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho.
- Coelho, Adolpho. 1893. Os povos extraeuropeus e em especial os negros da África ante a civilização europeia. Conferências feitas na Sociedade de Geografia de Lisboa (13 de maio de 1893). Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora.
- Correia, Mendes António. 1943. *Raças do Império*. Porto: Portucalense Editora.
- Cuvier, Georges. 1817. “Extrait d'observations faites sur le cadavre d'une femme connue à Paris et à Londres sous le nom de Vénus Hottentotte.” *Mémoires de Muséum d'Histoire Naturelle*, Tomo III : 259-274.
- Davidson, Patricia. 1993. “Human Subjects as Museum Objects: A Project to Make Life-Casts of “Bushmen” and “Hottentots”, 1907-1924.” *Annals of the South African Museum* 102: 187-193.
- Deniker, Joseph. 1889. “Les Hottentots au Jardin d'Acclimatation.” *Revue d'anthropologie*, 3<sup>e</sup> série, t. IV: 1-27.
- Drury, James, and Matthew Drennan. 1926. “The Pudental Parts of the South African Bush Race.” *Medical Journal of South Africa* 22:113-117.
- Fabian, Johannes. 2013. *Tempo e o outro: Como a antropologia estabelece seu objeto*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Fanon, Frantz. 1952. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Seuil.
- Fausto-Sterling, Anne. 1995. “Gender, Race and Nation: The Comparative Anatomy of ‘Hottentot’ Women in Europe, 1815-1817”. In *Deviant Bodies. Critical Perspectives on Difference in Science and Popular Culture*, edited by Jennifer Terry and Jacqueline L. Urla, 19-48. Bloomington: Indiana University Press.
- Fauvelle-Aymar, François-Xavier. 2002. *L'Invention du Hottentot, histoire du regard occidental sur les Khoisan (15<sup>e</sup> -19<sup>e</sup> siècles)*. Paris: Publications de la Sorbonne.
- Fischer, Eugen. 1913. *Die Rehobother Bastards und das Bastardierungs-problem beim Menschen*. Jena: Verlag von Gustav Fischer.
- Fischer, Eugen. 1942. Problème de la race et la législation raciale en Allemagne, Paris : *Cahiers de l'Institut allemand*, coll. « État et santé » : 84-109.

- Fischer, Eugen. 1955. Über die sogenannte Hottentottenschürze nebst Bemerkungen über den descensus testicularum. *Zeitschrift für Morphologie und Anthropologie* 47(1): 58-66. <https://www.jstor.org/stable/25753316>.
- Flower, William H., and James Murie. 1867. "An account of the dissection of a Bushwoman." *Journal of Anatomy and Physiology* 1 (2): 189-208. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1318546/>.
- Gordon, Robert. 1992. "The Making of the "Bushmen." *Anthropologica* 34(2): 183-202. <https://doi.org/10.2307/25605656>.
- Gordon, Robert 1998. "The rise of the Bushman penis: Germans, genitalia and genocide." *African Studies* 57(1): 27-54. <https://doi.org/10.1080/00020189808707884>.
- Kirby, Percival R. 1949. "The Hottentot Venus." *Africana Notes and News* VI: 55-62.
- Kirby, Percival R. 1952. "La Vénus Hottentote." *AEsculape* XXXIII : 14-21.
- Kirby, Percival R. 1953. "More about the Hottentot Venus." *Africana Notes and News* (1952-53), 124-34.
- Kirby, Percival R. 1954. "The 'Hottentot Venus' of the Musée de l'Homme." *South African Journal of Science* (10): 319-322. [https://journals.co.za/doi/pdf/10.10520/AJA00382353\\_3302](https://journals.co.za/doi/pdf/10.10520/AJA00382353_3302).
- Kolbe, Peter. 1741. *Description du Cap de Bonne-Espérance*. Tome 1. Amsterdam: Chez Jean Catuffe.
- Lagercrantz, Sture. 1937. "Ethnographical reflections on 'Hottentot aprons'." *Ethnos* 2(4): 145-174. <https://doi.org/10.1080/00141844.1937.9980505>.
- Lenni, Dominique. 2003. *Fureur et barbarie: récits de voyageurs chez les Cafres et les Hottentots (1665-1705)*. Paris: Cosmopole.
- Le Vaillant, François. 1790. *Voyage de monsieur Le Vaillant dans l'intérieur de l'Afrique, par le Cap de Bonne-Espérance, dans les années 1780, 81, 82, 83, 84 & 85*. Paris : Chez Leroy.
- Matos, Patrícia Ferreira. 2014. A fotografia na obra de Mendes Correia (1888-1960): modos de representar, diferenciar e classificar da "Antropologia colonial." In *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*, organizado por Filipa Lowndes Vicente, 45-66. Lisboa: Edições 70.
- McClintock, Anne. 2010. *Couro Imperial. Raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Morris-Reich, Amos. 2016. *Race and Photography. Racial Photography as Scientific Evidence, 1876-1980*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- Passarge, Siegfried. 1907. *Die Buschmaennerder Kalahari*. Berlin: Kessinger Verlag.
- Pereira, Rui Mateus. 2005. "Raça, Sangue e Robustez. Os paradigmas da Antropologia Física colonial portuguesa." *Cadernos de Estudos Africanos* (7/8): 209-241. <https://doi.org/10.4000/cea.1363>.
- Peron, François, et Charles-Alexandre Lesueur. 1883. *Observations sur le tablier des femmes hottentotes avec une note sur l'expédition française aux terres australes par Gustav Lennier (directeur du Musée du Havre) et une étude critique sur la stéatopygie et le tablier des femmes boschimanés par le Dr. Raphaël Blanchard*. Meulan: Imprimerie de la société zoologique de France.
- Pradier, Jean-Marie. 2014. "Etnocenologia: as encarnações do imaginário. Unidade da espécie. Diversidade dos olhares." *Revista de Antropologia* 56 (2): 99-136. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2013.82462>.
- Rassol, Ciraj, e Patricia Hayes. 2002. "Do trabalho de campo à exposição do império: a viagem da bosquímana /Khanako pela África do Sul, 1936-1937." In *Raça como retórica. A construção da diferença*, editado por Yvonne Maggie e Claudia B. Rezende, 311-350. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Smith, Andrew. 1993. *The Khoikhoi at the Cape of Good Hope: seventeenth-century drawings in the South African Library*. Cape Town: South African Library.
- Sparman, Anders. 1787. *Voyage au Cap de Bonne-Espérance, au cercle polaire austral et autour du monde, ainsi que dans les pays des Hottentots et des Cafres*. Paris: Chez Buisson.
- Thunberg, Carl Peter. 1796. *Voyages de C.P. Thunberg au Japon par le Cap de Bonne-Espérance, les Isles de la Sonde, & c*. Paris: Chez Benoît Dandré et al.

Topinard, Paul. 1889. “La stéatopygie des Hottentotes du Jardin d’Acclimatation.” *Revue d’Anthropologie* IV: 194-199.

Travassos, Lorena. 2021. “Missões Antropológicas de São Tomé (1954) e Angola (1955): caminhos para a descolonização da fotografia colonial.” *Estudos históricos* 34 (72): 81-106. <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210105>.

Zaborowski, Paul. 1910. “Le peuple de Bâtards de Rheoboth dans la colonie allemande du Sudouest de l’Afrique.” *Bulletins et Mémoires de la Société d’anthropologie de Paris*, VI<sup>e</sup> Série, tome I : 186-188.

---

### Nota biográfica

Sílvio Marcus de Souza Correa é professor do departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil), investigador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e membro da equipa de investigação do projeto Photo Impulse (PTDC/COM-OUT/29608/2017). Seu interesse científico é pela história dos impérios coloniais (séculos XIX e XX), com publicações na área da história visual do colonialismo em África, com ênfase nas relações entre ciências e impérios coloniais.

---

### ORCID

[0000-0002-0364-6590](https://orcid.org/0000-0002-0364-6590)

---

### Morada institucional

Universidade Federal de Santa Catarina  
(Campus Florianópolis)  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas | CFH  
Departamento de História  
R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n  
Trindade, Florianópolis — SC, 88040-900.

---

**Recebido** Received: 2022-09-27

**Aceite** Accepted: 2023-02-15

---

**DOI** <https://doi.org/10.34619/nfh3-7yda>